

ALÉM DO FÍSICO E DO HUMANO:
CONTRIBUIÇÕES DE AZIZ AB'SÁBER PARA UMA GEOGRAFIA REGIONAL
DA AMAZÔNIA

BEYOND THE PHYSICAL AND THE HUMAN: AZIZ AB'SÁBER'S
CONTRIBUTIONS TO A REGIONAL GEOGRAPHY OF THE AMAZON

AU-DELÀ DU PHYSIQUE ET DE L'HUMAIN : LES CONTRIBUTIONS DE AZIZ
AB'SÁBER À UNE GÉOGRAPHIE RÉGIONALE DE L'AMAZONIE

Saint-Clair Cordeiro da Trindade Júnior¹

Resumo

O artigo apresenta a contribuição do geógrafo brasileiro Aziz Ab'Sáber para o entendimento da região amazônica. Nele chama-se a atenção para a preocupação desse autor em superar abordagens dualistas muitas vezes presentes na ciência geográfica. A partir de um levantamento bibliográfico de sua obra, assim como de trabalhos de autores que discutiram sua produção científica, analisa-se, inicialmente, o seu perfil intelectual, reconhecendo-o como um pensador clássico dos estudos geográficos brasileiros e amazônicos. Em seguida, identificam-se, em suas contribuições, avanços na compreensão de uma geografia regional da Amazônia que articula o físico ao humano, a sociedade à natureza. Por fim, mostra-se a relevância de sua produção na proposição de políticas de desenvolvimento e de ordenamento territorial preocupadas com o presente e o futuro da região.

Palavras-chave: Aziz Ab'Sáber; Amazônia; sociedade; natureza; Geografia Regional.

Abstract

The article presents the contribution of the Brazilian geographer Aziz Ab'Sáber to the understanding of the Amazon region. It highlights the author's concern with overcoming dualistic approaches often present in geographical science. Based on a bibliographic study of this author's work, as well as studies by authors who have discussed his scientific production, it initially analyzes his intellectual profile, recognizing him as a classic thinker in Brazilian and Amazonian geographic studies. After that, it seeks to identify advancements in his contributions to the understanding of a regional geography of the Amazon that articulates the physical to the human, society to nature. Finally, the analysis demonstrates the relevance of the author's propositions regarding development and territorial planning policies concerned with the present and future of the region.

Keywords: Aziz Ab'Sáber; Amazon Region; society; nature; Regional Geography.

Résumé

L'article présente la contribution du géographe brésilien Aziz Ab'Sáber à la compréhension de la région amazonienne. Il attire l'attention sur le souci de cet auteur d'aller au-delà des approches dualistes souvent présentes dans la science géographique. D'après une étude bibliographique de son œuvre et des travaux d'auteurs qui ont apprécié sa production scientifique, nous cherchons à analyser, dans un premier temps, son

¹ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, ocupante da Cadeira Número 21. E-mail: stclair-jr@hotmail.com

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Sáber para uma geografia regional da Amazônia

profil intellectuel, en le reconnaissant comme un penseur classique des études géographiques brésiliennes et amazoniennes. Ensuite, nous identifions, dans leurs contributions, les avancées dans l'élaboration d'une géographie régionale de l'Amazonie qui articule le physique à l'humain, la société à la nature. Finalement, nous cherchons à mettre en évidence la pertinence de sa production dans la proposition de politiques de développement et d'aménagement du territoire concernant le présent et l'avenir de la région.

Mots-clés: Aziz Ab'Sáber ; L'Amazonie ; société ; nature ; Géographie Régionale.

INTRODUÇÃO

Muito do que já foi relatado e analisado sobre a Amazônia, especialmente em relação ao seu passado, seja em discursos científicos, literários, imagéticos etc., traz, com certa recorrência, o contraponto entre o físico e o humano, o natural e o cultural, o homem e o meio, a sociedade e o seu ambiente, o trivial e o exótico; assim como, deixa transparecer a dualidade entre o olhar externo e o interno, o exógeno e o endógeno, a perspectiva etnocêntrica e a relativista.

No campo da Geografia, esses dilemas não são tão diferentes, reafirmando, muitas vezes e a seu turno, dualidades ente a geografia física e a geografia humana. Exceções importantes, entretanto, precisam ser feitas, conforme procuraremos mostrar na presente análise², que destaca a contribuição do geógrafo brasileiro Aziz Nacib Ab'Sáber³, que, como outros pensadores sensíveis à realidade amazônica, investiu no entendimento dessa região sem perder de vista suas principais questões, sua complexidade e suas diferenciações internas.

Em um trabalho que mostra o interesse do autor por essa região, Furtado (2010) destaca alguns de seus mais importantes escritos sobre a Amazônia, desde seus primeiros estudos, abordando temas como a cidade de Manaus e sua região; passando pela caracterização dos aspectos físicos regionais, especialmente os de natureza geomorfológica; os que problematizam questões geoeconômicas e ambientais; até desembocar nos de natureza mais propositiva, como os referentes ao zoneamento ecológico e econômico. Muito dessas reflexões estão reunidas na obra *Amazônia: do discurso à práxis* (AB'SÁBER, 1996), que copila seus mais expressivos trabalhos sobre a região em referência e que também nos serve de base para uma amostragem qualitativa e para uma apreciação preliminar de sua sistematização sobre a Amazônia.

² Este trabalho sistematiza resultados parciais de investigação do projeto de pesquisa “Redutos, enclaves e zonas: contribuições a uma geografia regional da Amazônia”, desenvolvido como parte das atividades do autor na condição de bolsista 1C de produtividade de pesquisa do CNPq.

³ Filho de imigrante libanês e de uma brasileira do Estado de São Paulo, Aziz Nacib Ab'Sáber – nascido em 24 de outubro de 1924 em São Luiz do Paraitinga, Estado de São Paulo, e falecido em Cotia, na Região Metropolitana de São Paulo, no dia 16 de março de 2012 – tornou-se um dos mais reconhecidos geógrafos do Brasil. Concluiu a graduação em Geografia e História (1944) na Universidade de São Paulo (USP), tornando-se um dos mais expressivos nomes da ciência geográfica da USP; instituição na qual também obteve o título de Doutor em Geografia (1956), de Livre Docente (1968) e de Professor Titular de Geografia Física (1968), e onde, igualmente, estabeleceu sua carreira acadêmica no Departamento de Geografia. Mesmo aposentado, na mesma universidade continuou atuando no Instituto de Estudos Avançados (IEA). Além de sua atuação na USP, presidiu o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) e a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Dentre as honrarias recebidas, destacam-se o “Prêmio Almirante Álvaro Alberto para Ciência e Tecnologia”, em 1999, e o “Prêmio Jabuti”, na categoria Ciências Humanas, em 2005 (AB'SÁBER, 2003, 2013; MODENESI-GAUTTIERI *et al.*, 2010; DOURADO, 2015).

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

Notadamente reconhecido por suas contribuições à geografia física, e, em especial, à geomorfologia brasileira, era defensor da ideia de uma “geografia humanista” que, diferentemente da forma convencional como tem sido concebida, para ele, convida o geógrafo a explicar suas atitudes próprias, sua vida, seus sentimentos, integrando-se voluntariamente em seu universo de estudo (MARCOVITCH, 2015). Nessa perspectiva, Ab'Sáber ocupou-se da Amazônia no sentido de compreendê-la e interpretá-la seja do ponto de vista da geografia física e ambiental, seja do ponto de vista da geografia humana, mas, igualmente, estabelecendo a ponte entre ambas e promovendo uma leitura mais complexa, que inclui dialeticamente os elementos humanos e naturais a ponto de sistematizar, efetivamente, uma verdadeira geografia regional da Amazônia.

Buscando se distanciar, portanto, da percepção de exotismo da região, muito presente no campo artístico e literário do passado, e das dicotomias algumas vezes manifestas no campo científico, o autor em referência pareceu caminhar em direção à superação desses aspectos, acompanhando o postulado de vários outros autores comprometidos com uma visão mais integradora da relação natureza-sociedade. Isso porque já é reconhecida a ideia de que os estudos regionais se assentam sobretudo no sentido da particularidade (CORRÊA, 1997); sendo esta, por seu turno, uma categoria filosófica importante para compreender intermediações entre o geral e o singular, entre o global e o local (LENCIONI, 1999). Assim, por meio de levantamento bibliográfico assentado na obra de Ab'Sáber e de autores que discutem sua produção, busca-se, no presente trabalho, considerar aspectos dessa particularidade regional amazônica por ele apreendida em suas contribuições acadêmico-científicas.

Para a presente sistematização, além desta introdução e das considerações finais, a argumentação se encontra estruturada em três tópicos. No primeiro, apresenta-se Aziz Ab'Sáber como um clássico dos estudos geográficos brasileiros e, especialmente, dos estudos sobre o espaço amazônico. No segundo, percorre-se parte de sua obra, destacando-se a preocupação do autor em construir uma geografia da Amazônia para além das dicotomias que opõem homem e meio, natural e cultural, físico e humano, conforme se deixa claro desde o título desta reflexão. Por fim, destaca-se a relevância de sua contribuição para a sistematização de uma geografia regional propositiva, que articula sociedade e natureza em suas preocupações e que serve como referência para todos aqueles que se ocupam dessa região e se preocupam com suas questões e com o seu destino a curto, médio e longo prazos.

UM AUTOR CLÁSSICO DA GEOGRAFIA BRASILEIRA E AMAZÔNICA

Muito se tem falado sobre a necessidade de interpretar a Amazônia a partir dela mesma e de seus sujeitos, sugerindo-se abordagens menos etnocêntricas/eurocêntricas/nortecêntricas sobre ela. Isso tem sido tratado com certa ênfase por alguns estudos apoiados no pensamento crítico contemporâneo, como aqueles de natureza decolonial, mas, igualmente, por outras abordagens epistemológicas que inspiram pesquisadores a entendê-la a partir de uma perspectiva descentrada (TRINDADE JR., 2020).

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Sáber para uma geografia regional da Amazônia

Esse tipo de empreendimento leva em conta uma concepção de interesses mais endógenos e mais prementes que se apoia em demandas sociais, econômicas e ambientais locais; preocupação essa que se fazia presente nos escritos de Aziz Ab'Sáber desde a segunda metade do século passado:

para viabilizar as ideias e estratégias para uma convivência espacial entre povos e comunidades dotadas de culturas muito diversas, sugere-se um esforço de setorização e inventário de conjunturas, dirigidos para a Amazônia, vista como um todo. Preconizamos a feitura de um diagnóstico que envolva o conhecimento das condições ecológicas e sócio-econômicas de cada uma das grandes células espaciais identificáveis na região. O nome que se dê aos diversos componentes regionais não interessa muito, tanto faz designá-los por regiões ou zonas, quadrantes regionais ou células espaciais. Trata-se, sobretudo, de uma identificação dos componentes maiores do grande mosaico de terras amazônicas, em termos de um primeiro reconhecimento de situações para ulterior detalhamento, tendo em vista desde o início do processo, objetivos de políticas públicas, regionais e setoriais. Quando se fala em zoneamento ecológico – dirigido para uma região equatorial com as peculiaridades da Amazônia – o que está em mira é o suporte ecológico disponível para os homens e as comunidades regionais, antevisto, acima de tudo, na perspectiva da descoberta de processos de valor agregado para o desenvolvimento regional (AB'SÁBER, 1994, p. 79).

138

Conforme temos feito sempre ao tomar como referência a Amazônia, partimos do pressuposto de que o recorte regional não diz respeito apenas a uma questão de escala, mas, também, a uma representação de seu conteúdo (LENCIONI, 1999). Assim, exprime sempre uma dada problemática espacial a partir do olhar e da interpretação de quem procede e representa esse recorte para si e para os outros. Daí a importância de compreender e situar o pensamento de autores, como Aziz Ab'Sáber, que para essa região voltaram seus olhares.

Não se trata simplesmente de um interesse que se pautou única e exclusivamente na revelação daquilo que poderia se apresentar como novo na obra do autor, ainda que isso seja sempre algo a ser considerado importante dentro do avanço do conhecimento em geral, e sobre a Amazônia em específico, mas de levar em conta o acúmulo de conhecimentos, preocupações, sugestões e contribuições que ajudem a apreender a dinâmica regional de forma a concorrer para a ruptura de visões estigmatizadas, superficiais e pouco reveladoras de sua complexidade e de sua diversidade socioespacial. Tal orientação sinaliza e instiga recorrentemente a interpretações e leituras em perspectiva sobre o espaço amazônico.

Por isso o cuidado de chamar a atenção para aquelas contribuições que antecedem às atuais e que ampliam e aprofundam o olhar a respeito desse espaço e a partir dele, especialmente por se tratar de uma formação socioespacial que apresenta muitos problemas e questões que não se encerram nela mesma. É assim que se coloca o interesse por autores e/ou obras consideradas de referência; fato este que nos remete à retomada de produções que, em hipótese alguma, devem ficar à margem de nosso conhecimento, como aquelas tidas como obras clássicas e que, no caso amazônico, não são poucas.

E qual a importância dessa retomada de leituras como as que se pretende aqui realizar? Para Calvino (2001), os clássicos são autores e livros que estão sendo relidos a todo momento. Isso ocorre por variadas razões. Neles sempre são proporcionadas descobertas em razão de apresentarem riquezas de achados não só para quem os lê pela primeira vez, mas para todos aqueles que os consideram por meio de uma possibilidade

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

de releitura. Da mesma maneira que o contato inicial com essas obras pode significar uma releitura do tema em foco, o fim da leitura pode não representar necessariamente o término daquilo que se tinha para dizer. Ainda para Calvino (2001), não raro, os clássicos exercem influência particular quando referenciados, como, igualmente, quando ocultados em obras de memória.

Chamam atenção, outrossim, por: a) traduzirem as marcas de leituras que precederam a nossa; b) por provocarem discursos críticos sobre si, repelindo-os sempre para longe; c) pelo fato de que quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, mais se revelam novos, inesperados e inéditos; d) por se configurarem como equivalentes gerais, seja para referenciá-los, seja para contradizê-los; e) por não serem indiferentes e precisarem ser considerados recorrentemente; f) por virem antes de outras obras de mesma natureza, mas, ao mesmo tempo, serem facilmente identificáveis na genealogia considerada; g) por relegarem as atualidades a “barulho de fundo”, sem prescindirem das mesmas; e h) por persistirem como rumor, mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível (CALVINO, 2001).

O autor que aqui tomamos como referência também se insere nesses pressupostos, que se somam àqueles outros mencionados por Corrêa (2011) quando indagado sobre o que poderiam ser consideradas obras clássicas no universo da Geografia brasileira. Como resposta, destacou todos os livros/artigos que: a) foram escritos por um geógrafo ou geógrafa já falecido(a) que percorreu uma longa trajetória e que atravessou gerações e períodos do pensamento geográfico; b) introduzem formas novas de ver as coisas e que promovem avanços na teoria geográfica; c) sintetizam um campo amplo da Geografia, oportunizando uma visão complexa que se torna referência básica; d) figuram como objetos de debates em campos específicos ou afins de estudos, sendo analisados e reanalisados por vários autores em período relativamente longo; e) geram discípulos que produzem outros textos a partir deles; f) são lidos por todos ou por quase todos; g) têm duas ou mais edições, às vezes com comentários de terceiros; e h) marcam um campo específico do conhecimento (CORRÊA, 2011).

Por todas essas razões arroladas, pode-se se dizer que muitas das obras de Ab'Saber assumem o status de leituras clássicas dentro e fora do campo disciplinar em que se situam, dado o destaque que obteve ao longo de sua carreira acadêmica e intelectual. Também ele se torna especialmente importante para a compreensão da região amazônica, tendo em vista o número relativo de contribuições que sistematizou sobre ela e a seriedade e profundidade dessas mesmas contribuições para o conhecimento e para as políticas de desenvolvimento elaboradas a seu respeito, a ponto de serem recorrentemente citadas quando o assunto se refere a problemas/questões ambientais e socioespaciais.

Não obstante todos esses elementos já mencionados, não é demais relembrar o lugar que o autor em referência ocupa entre o rol de intelectuais humanistas e cientistas do Brasil, a ponto de figurar em importantes publicações sobre o assunto, como se vê em Magalhães (2015), sendo um dos grandes expoentes da Geografia brasileira, incluso em obras de referência sobre as matrizes do pensamento geográfico brasileiro, como se vê em Moreira (2010), a se destacar ao lado de intelectuais de peso, tais quais Josué de Castro, Aroldo de Azevedo, Milton Santos, Bertha Becker, Orlando Valverde, Armando Corrêa da Silva, Carlos Augusto de Figueiredo

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

Monteiro, Roberto Lobato Corrêa; e outros tantos que formaram gerações e/ou que definiram em muito o atual perfil da ciência geográfica em todo o País.

Em estudo anterior (TRINDADE JR., 2017), já havíamos nos debruçado sobre a produção geográfica presente no que chamamos de Escola Uspiana de Geografia (EUG), à qual se vincula o geógrafo em comento. O recorte analítico dessa preocupação, todavia, limitou-se à produção intelectual e acadêmica relacionada especialmente aos estudos de geografia humana, e, mais especificamente ainda, à produção gerada no interior do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana (PPGH) da Universidade de São Paulo (USP); ficando de fora importantes contribuições de professores pesquisadores da área de geografia física, como a de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, que além de suas ideias mais gerais para entender a Amazônia, possui importante obra de referência sobre essa região (MONTEIRO, 2012), e de Aziz Ab'Saber, cuja importância já pontuamos devidamente.

Tal lacuna, atribuída a critérios operacionais e a limites temporais para a realização da pesquisa científica, busca aqui ser, se não suprimida, ao menos minimizada, de forma a demonstrar que a relevância daquela escola de formação de geógrafos e de pensamento geográfico brasileiro, e suas preocupações com a Amazônia, não se circunscrevem apenas aos limites da geografia humana, mas alcança outros campos do conhecimento geográfico que, igualmente, debruçaram-se na elaboração de uma verdadeira geografia regional para a Amazônia sob uma perspectiva crítica, coerente, inovadora e compreensiva.

Colocar como pauta de discussão um intelectual do porte de Aziz Ab'Saber, nos dias de hoje, repercute no sentido de difusão de um conjunto de ideias já conhecidas dentro de um campo de conhecimento da geografia, como a geografia física, mas ainda relativamente pouco referenciadas no campo da geografia humana e regional e em outras áreas afins.

O FÍSICO E O HUMANO: UMA REGIÃO PARA ALÉM DAS DICOTOMIAS

Conforme mencionamos inicialmente, normalmente, quando se trata da realidade geográfica amazônica, são recorrentes algumas dicotomias na caracterização de suas particularidades. Em contraposição a isso, cabe aqui referenciar Santos (1991) na sua clássica distinção entre espaço e paisagem. Esta última, definida por um conjunto de objetos naturais e/ou artificiais arranjados territorialmente, podem, na sua expressão fenomênica, lembrar mais os movimentos e criações originados de processos naturais ou aqueles que foram moldados pelo trabalho do homem. Para o autor em referência, a paisagem é forma e, assim, se coloca no nível das apreensões dos nossos sentidos.

Dessa maneira, mesmo a paisagem predominantemente definida por processos da natureza não pode ser vista sem as suas determinações históricas. O fato de uma área de proteção natural estar relativamente preservada, por exemplo, não lhe subtrai a condição de que foram processos históricos e, muitas vezes, confrontos entre racionalidades distintas que lhe garantiram a sua presença daquela forma no conjunto do arranjo territorial. Daí os objetos arranjados em forma de paisagem não necessariamente trazerem em si mesmos explicações; estas requerem articulações desses objetos com os processos históricos que lhes

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

ocasionaram (SANTOS, 1991), sugerindo articular processos que se manifestam muitas vezes em escalas diferenciadas: local, regional e global.

O interesse em mostrar tal complexidade nos remete à obra de Aziz Nacib Ab'Sáber, que parece estabelecer um distanciamento dessas dicotomias tendo em vista a compreensão socioespacial regional, fato este bem percebido por Marcovitch ao mencionar a obra *Amazônia: do discurso à práxis* (AB'SÁBER, 1996):

é conhecida sua tese de que não poderia formular uma proposta para a Amazônia considerando simplesmente a geomorfologia regional. Julgava indispensável enxergar toda a área como um conjunto de fatos sociais e políticos, físicos e ecológicos, tendo como pano de fundo uma lamentável “filosofia da devastação” então ali dominante. O estudo já referido é um marco na história do ambientalismo brasileiro. Nela e em muitos trabalhos subsequentes, Aziz criticou propostas desatreladas da realidade local. Expôs, com extraordinária lucidez, o seu pensamento a respeito das questões cruciais daquela região vital para os destinos da humanidade (MARCOVITCH, 2015, p. 90).

141

É o que se constata logo de início ao percorrer o conjunto de textos que integram o livro mencionado (AB'SÁBER, 1996). Os temas que compõem a obra dizem muito sobre as preocupações do autor. Incluem o zoneamento ecológico e econômico da Amazônia; passam pelas questões e estudos mais fisiográficos e biogeográficos, como os problemas geomorfológicos, os paleoclimas e a paleoecologia; relaciona a questão física às questões econômicas, como a geomorfologia do corredor Carajás-São Luís e a discussão dos impactos ambientais nesse mesmo corredor cortado pela Ferrovia de Carajás; problematiza a gênese de uma região siderúrgica na Amazônia; sinaliza para a proteção ecológica e o desenvolvimento com o máximo de floresta-em-pé; expõe analiticamente as vicissitudes de uma comunidade beiradeira no Médio Juruá (Amazonas); apresenta seus primeiros estudos sobre a cidade de Manaus; elabora argumentos em torno de documentos de críticas e de contestação ao uso inapropriado de suas ideias sobre o Programa Grande Carajás; discute os dilemas, conflitos e resistências em torno da Serra Pelada e da Serra de Carajás; e analisa a questão do petróleo na Amazônia.

Tudo isso se deve, em grande parte, a uma sólida formação humanista, que se inicia bem antes do ensino superior, quando se mostra interessado na interface entre tempo e espaço. Talvez por isso, desde esse momento, não estivesse inclinado a reproduzir clássicas dicotomias e, por outro lado, mobilizasse sua sensibilidade para a superação dessas dualidades:

de repente assisti às aulas de um professor de história que se apoiava em fatos da geografia regional, situava os acontecimentos em cima do espaço real, a expansão de certos tipos de fatos sobre áreas diversas do mundo. E me senti muito estimulado e interessado por aquela interface entre tempo e espaço – ou espaço e tempo (AB'SÁBER, 2013, p. 11).

De fato, Moreira (2010), ao estudar as matrizes brasileiras do pensamento geográfico, situa como linha de força na teoria de Ab'Sáber, juntamente com a de Milton Santos e a de Carlos Augusto Monteiro, as determinações da temporalidade, parecendo ser essa uma marca importante da geografia brasileira produzida no interior da EUG. Para o primeiro deles, destaca:

acentua-os a presença humana, seu tempo de curta duração, seu poder de reequilíbrio e a velocidade de sua capacidade de mutação. De forma que atuar na sua medida de tempo é

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

coordenar o movimento desigual de durações, a mais curta e a mais longa, mexendo nele, mas mantendo sua frequência. É exatamente essa a perspectiva das heranças, Ab'Saber aqui se encontrando com Quaini diante da ação das comunidades e com Tricart diante da questão das escalas.

Só nessa referência de escala pode-se pensar os domínios de paisagem como uma superposição de acontecimentos, a paisagem estrutural e morfoclimática sobrepostas entre si e subpostas à geobotânica, a paisagem humana sobrepondo-se a toda elas. É o que temos nos domínios naturais vistos na perspectiva dos redutos do Pleistoceno (MOREIRA, 2010, p. 124).

Aqui, paisagem natural e cultural não assumem raciocínios dicotômicos, assim como não é dual sua concepção de relação sociedade e natureza, tão bem traduzida na sua proposição sobre *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas* (AB'SÁBER, 2003), na qual aplica sua reconhecida teoria dos redutos⁴. Trata-se, igualmente, de domínio cultural-comunitário das paisagens naturais:

todos os que se iniciam no conhecimento das ciências da natureza – mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro – atingem a ideia de que a paisagem é sempre uma herança. Na verdade, ela é uma herança em todo o sentido da palavra: herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades... É indispensável ressaltar que as nações herdaram fatias – maiores ou menores – daqueles mesmos conjuntos paisagísticos de longa e complicada elaboração fisiográfica e ecológica. Mais do que simples espaços territoriais, os povos herdaram paisagens e ecologias pelas quais são responsáveis, ou deveriam ser responsáveis (AB'SÁBER, 2003, p. 10).

Assim, a descrição e a análise dos domínios de natureza, diferente do que se poderia imaginar em um primeiro momento, são feitas com relevante protagonismo humano, conforme faz ao falar do macrodomínio da Amazônia brasileira e a importância de sua hidrografia associada a elementos culturais:

o igarapé foi fundamental para a ocupação indígena da Amazônia, sendo a invenção da canoa o grande salto cultural que possibilitou a organização da maioria dos grupos indígenas no mundo amazônico. Assim, os pequenos riachos que seccionam vertentes e cruzam várzeas florestadas em seu baixo curso tornaram-se os “caminhos de canoas”. A igara é uma embarcação elementar, escavada no tronco de uma só árvore;apé ou pé é o designativo para caminho. Daí, com grande razão, os riachos da floresta amazônica terem sido reconhecidos pela sua função de estrada líquida para circulação de curta distância. Uma circulação que facilitava o contato entre homens e aldeias, no transporte de alimentos extraídos das águas e das florestas (AB'SÁBER, 2003, p. 71).

A integrar a caracterização desse domínio, Ab'Saber também contesta a homogeneidade a que sempre foi atribuída à região, muitas vezes reduzida à floresta, que por si só já é diversa, e às terras baixas, que definem

⁴ Articulada à teoria dos refúgios (relacionada à fauna), sua teoria dos redutos (relacionada à vegetação), marcadamente multidisciplinar (AB'SÁBER, 1988a), contribuiu com o entendimento de que, em algumas zonas, apareciam faixas ou redutos de outras vegetações onde estas não eram dominantes. Trata-se de uma forma de conhecimento particularmente fértil para uma sondagem dos efeitos e consequências das flutuações paleoclimáticas quaternárias que implicam em interferências de natureza morfológica, pedogênica e fitogeográfica visíveis em espaços como o amazônico (AB'SÁBER, 1988a), onde se constatou, por exemplo, cactáceas em Mucajaí (Roraima); vegetação campestre ocasionais no sudoeste da região; e cerrados remanescentes em Monte Alegre e Alenquer, no Pará, e em porções do Estado do Amapá (AB'SÁBER, 2013).

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

apenas parcialmente o complexo regional. Sua teoria dos redutos, já mencionada, foi um bom ponto de partida para imergir na discussão da diversidade regional amazônica:

por que esses cerrados restaram ali? Seriam redutos de uma época em que eram mais extensos? Sem dúvida. No centro da Amazônia e ao longo da faixa equatorial certamente houve mais cerrados do que hoje, talvez com algumas emendas entre eles. E as matas – embora muito volumosas e também extensas – eram menos contínuas, de forma que, quando os climas se tropicalizaram muito, desapareceu aquele clima intermediário que era quente, subquente, com duas estações – uma quente e uma muito chuvosa, estendendo-se as precipitações por muitos meses do ano (dinâmica climática atual da Amazônia).

Em Roraima havia extensas formações arenosas – tanto que o rio principal que cruza essa região se chama rio Branco porque transporta mais areia do que elementos argilosos e biogênicos -, onde encontrei muitos cactos, em pequenos inselbergs em Mucajaí. Ou seja, houve uma época – talvez anterior à dos cerrados – em que os bordos da Amazônia também tiveram caatingas, e isso não havia sido notado por ninguém (AB'SÁBER, 2013, p. 109-110).

143

É importante destacar o quanto as questões políticas despertaram o interesse do geógrafo paulista para os problemas e questões regionais, para além de sua preocupação com a geomorfologia e a história geológica, em relação às quais também dedicou bastante atenção:

atualmente, a Amazônia apresenta problemas mais urgentes do que explicar sua história geológica. O principal deles iniciou-se na época da criação de Brasília. Como era necessário promover a integração daquele verdadeiro “arquipélago” brasileiro, constituído de regiões totalmente diferentes e isoladas entre si, a primeira ideia foi construir estradas que ligassem Brasília e Belém, a Belém-Brasília. Pois bem, naquele momento, falou-se em expansão da fronteira agrícola, mas o que aconteceu, na verdade, foi a expansão da fronteira fundiária. Hoje, existem muitos caminhos de devastação na Amazônia. No sul do Pará, região que estudo com mais cuidado, descobri de oito a dez caminhos de devastação da floresta ao longo da BR-150. O mesmo ocorre ao longo dos ramais que seguem para Serra Pelada e Carajás (AB'SÁBER, 2012, n. p.).

Com base nesse olhar de detalhe do espaço é que o autor fala de “mosaico dos subespaços físico e ecológico”, na verdade, células espaciais, como denominou, com certa originalidade geocológica, a compor a Amazônia brasileira; mosaico esse necessário ao reconhecimento de sua diversidade (AB'SÁBER, 1989). Mas, para além da diversidade fisiográfica e biológica, que a teoria dos redutos ajudou a explicar, volta também sua atenção para a diversidade social, cultural e urbana que na Amazônia se faz presente:

após trinta anos de interferências complexas, o novo cenário das relações entre os homens na Amazônia exige uma nova atmosfera de convivência e entendimento. Convém não esquecermos que vivem atualmente na Amazônia um quarto de milhão de índios – diferenciados por fatores linguísticos e por diversos níveis de contato e aculturação; quatro milhões de seringueiros, beiradeiros e castanheiros; 350 mil garimpeiros; cinco milhões de trabalhadores braçais, funcionários e peões seminômades; além de alguns milhões de habitantes urbanos, de diferentes níveis sociais e culturais. Enfim, um espaço com gente e história (AB'SÁBER, 2003, p. 81).

A mesma sensibilidade e o pensar coerente estabelecidos para a leitura da natureza e a diversidade sociocultural, fazem-se igualmente presentes no trato de questões consideradas centrais da Amazônia contemporânea, como acontece ao problematizar os chamados enclaves regionais, implantados por meio das

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

grandes corporações e das grandes obras econômicas e de infraestrutura, concebidas sob o discurso ideológico do desenvolvimento regional.

Em adendo às suas considerações sobre Manaus, descrita inicialmente em sua primeira viagem à Amazônia em 1953 (AB'SÁBER, 1953) – antes, portanto, da instalação da Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus) e da presença das grandes corporações na cidade –, faz apreciações críticas àquilo que se tornou o espaço urbano após a instalação do polo industrial e da Zona Franca:

o mecanismo de produção de espaços urbanos na região do baixo planalto de Manaus foi relativamente complexo, já que comportou inicialmente um modelo de crescimento de bairros carentes em posição intra-urbana segundo a tradição de “invasões” ao longo dos igarapés e, logo depois, uma periferação semi-orientada, pelos quadrantes interiores do tabuleiro ondulado regional [...] Com o crescimento demográfico e o forte e complicado desdobramento do espaço urbano, a cidade acentuou as disparidades sociais, assistindo ao adensamento da pobreza intra-urbana e ao advento de focos de violência, aparecimento de comércio informal e subemprego. O crescimento demográfico, realizado basicamente por fortes correntes migratórias de todos os quadrantes da Amazônia Ocidental, Solimões e Médio Amazonas, deveu-se às ações múltiplas de criação de mercado de trabalho formal e informal, precipitado pela implantação do distrito industrial da Suframa e da Zona Franca (ZPF) (AB'SÁBER, 1996, p. 220 e 222).

Outras interessantes reflexões realizadas pelo autor quanto aos chamados enclaves econômicos regionais dizem respeito aos trabalhos que discutem o então Programa Grande Carajás, integrantes da coletânea que reúne artigos seus sobre a Amazônia (AB'SÁBER, 1996), intitulados: a) *Gênese de uma nova região siderúrgica*, b) *Os impactos ambientais na faixa carajás-São Luís*, e c) *Da Serra Pelada à Serra dos Carajás: a rebelião (im)prevista dos garimpeiros*. Além da instalação do grande projeto e de suas repercussões, analisa o processo de implantação do núcleo urbano de Parauapebas, em Carajás, e seus desdobramentos, especialmente quanto ao evento da marcha dos garimpeiros de Serra Pelada, que revela a perversidade do planejamento de natureza tecnocrática e socialmente insensível às demandas regionais.

Neste último caso, os eventos narrados/analizados compõem um complexo sistema de interações espaço-temporais coletados em observações de campo datadas de 1984, 1986 e 1989, e informações e apreciações de sujeitos envolvidos e de especialistas, incluindo ele próprio, que acompanhou a tensão que ameaçou a estabilidade das implantações do Projeto Ferro Carajás. Após contextualizar cronologicamente a região desde a década de 1940 ao início dos anos 1990, descreve a implantação da logística para o funcionamento do grande projeto no sudeste paraense e fala das tensões derivadas dos desdobramentos e impactos sociais e fundiários do entorno imediato do projeto e no corredor Carajás-São Luís.

Aí aparece sua crítica ao modelo de desenvolvimento que provocou mudanças na geografia humana e regional amazônica; modelo esse, segundo o autor, a não ser seguido, por ser obsoleto e inaceitável; pelas soluções implementadas de difícil consenso; pelo caráter nocivo ao meio ambiente e aos trabalhadores; pela falta de criatividade dos tecnocratas; e por considerar não ser “possível construir um ‘enclave’ de modernidade nos altos de uma Serra, em plena Amazônia, e se abster da importante tarefa cultural de entender as variáveis antropológicas dos estoques de humanidade envolventes” (AB'SÁBER, 1996, p. 270).

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

Nessa análise, discute o jogo de poderes na estrutura local que, além dos trabalhadores, tem outros envolvidos, como a própria empresa, a então Companhia Vale do Rio Doce, os agentes agropecuários, o poder político local e os órgãos de governo, e que culmina com a marcha dos garimpeiros em direção à Carajás dada à ameaça, pela empresa, de não mais permitir o garimpo manual até então praticado em Serra Pelada. O artigo, além de analisar tais fatores, é um verdadeiro registro de memória que serve para “demonstrar as reações eventuais de pobres trabalhadores braçais, desesperados pela ameaça de desativação do seu campo de atividade econômica” (AB’SÁBER, 1996, p. 237).

No estudo sobre Carauari (Estado do Amazonas), o desafio do autor foi o confronto entre o tradicional e o moderno que, como em outras situações que lhe foram apresentadas para estudo, fez aflorar o cauteloso e detalhista geógrafo físico, que lidava com a fisiografia e a biogeografia local, junto com a sensibilidade do geógrafo humano, a descrever o modo de vida existente que estava seriamente ameaçado:

um tipo de geografia humana rústica, de populações tradicionais ligadas a dois braços de tradições. Uma tradição ligada à memória evanescente dos sertões secos. Outra, relacionada com o esforço de adaptação para a sobrevivência no domínio das selvas e dos rios correntes e perenes [...] Nosso tempo era muito curto para tentar entender os problemas e arrolar as expectativas de uma comunidade tradicional do Médio Juruá, perturbada pelo ingresso maciço de trabalhadores vinculados às atividades petrolíferas de uma grande empresa estatal, sediada no Rio de Janeiro. Agora, à população residente junta-se gente que em todas as beiras foi aliciada para o duro trabalho nas clareiras das selvas. De 1 800 a 2 000 habitantes a população saltou para um número entre 7 000 e 7 5000 pessoas em apenas três anos (AB’SÁBER, 1996, p. 192 e 194).

O seu contato com Carauari, à semelhança de Carajás, também se deu em razão de compor uma equipe para ajudar na avaliação do projeto; desta feita, em sondagens petrolíferas e construção do gasoduto a ser ali instalado. Em suas observações, levantamentos e entrevistas, percebe-se a dimensão humana de sua geografia, que vai além da preocupação com a capacidade de autorregeneração da cobertura vegetal, com o desmatamento e com os demais impactos ambientais que as perfurações no solo e as clareiras na floresta denunciavam, devido às sondagens feitas para a exploração daquele tipo de atividade:

Carauari foi inchada demograficamente, em poucos anos, devido à perturbação ocasionada pelas atividades da Petrobrás, mas não pôde se desenvolver no campo socioeconômico. A comunidade, que era muito pobre e marginalizada, ganhou sistemas de contato com o grande mundo externo, ao mesmo tempo que viu aumentar o seu contingente populacional vivendo em carência absoluta. Isto, aliás, vem sendo uma norma no interior da Amazônia quando se instala qualquer projeto ou conjunto de atividades, sem qualquer previsão de impactos, ao nível do ambiente e da sociedade (AB’SÁBER, 1996, p. 195).

Dos redutos – que permitiram um importante contato com a diversidade regional – aos enclaves – reconhecidos e denunciados por suas experiências em levantamentos, trabalhos de campo, elaborações de diagnósticos, avaliações e relatórios técnicos e científicos –, sua trajetória intelectual, referenciada nos seus conhecimentos sobre o espaço amazônico, culmina com a sua interlocução ampla referente à nova legislação brasileira e à proteção ambiental (AB’SÁBER, 1988b) e também com sua proposição de zonas ecológicas e econômicas, voltadas para ações de ordenamento territorial e de desenvolvimento regional.

SOCIEDADE E NATUREZA: UMA GEOGRAFIA REGIONAL PROPOSITIVA

Conforme ressalta Magalhães (1996), Aziz Ab'Saber representa, do ponto de vista intelectual, um verdadeiro marco para o pensamento ambientalista brasileiro, com textos que se apoiam em um perfeito embasamento científico e técnico ao longo de um período de estudos e de pesquisas:

Aziz analisa o problema da Amazônia com críticas veementes às propostas feitas de afogadilho e longe da realidade local, oferecendo sua contribuição para os enfoques que julga corretos. Sua obra transcende o problema da Amazônia. Nos artigos reunidos [...] pode-se aprender, não apenas as questões amazônicas, mas, principalmente, a postura correta quando se discutem os destinos de uma região tão importante como essa. São problemas de método e de enfoque, tratados com um profundo respeito pelas populações locais e pela natureza (MAGALHÃES, 1996, p. 10).

A obra de Aziz Ab'Saber também dialoga profundamente com as políticas públicas regionais e com o ordenamento territorial, conforme mostram Modenesi-Gauttieri *et al.* (2010), seja proporcionando uma leitura crítica delas, seja estabelecendo elementos propositivos que integram sociedade e natureza no entendimento da região. Nesse sentido, em sua obra, temas de alcance nacional podem ser destacados, como as questões ambientais, a repercussão da implantação de grandes projetos em estruturas territoriais frágeis e vulneráveis a seus impactos, o estabelecimento de estratégias articuladas à preservação do patrimônio natural e cultural, a implantação de infraestruturas espaciais com apelo social, a defesa de direitos e garantias sociais em favor de grupos sociais diversos e de trabalhadores impactados pela exploração mineral, a proteção florestal com apelo social/comunitário e por meio da educação ambiental.

Nas proposições de Aziz Ab'Saber, com forte teor de orientação política, alguns pontos são considerados fundamentais, como se vê em texto em coautoria com o atual presidente Luís Inácio Lula da Silva, intitulado *Uma proposta para a Amazônia: proteção ecológica e desenvolvimento com o máximo da floresta-em-pé* (SILVA; AB'SÁBER, 2001), quando são destacados: a) o estudo da realidade e seu equacionamento com o macrozoneamento; b) a compatibilização entre preservação e produção; c) a crítica aos equívocos das políticas governamentais; d) diretrizes, critérios e gerenciamento em relação à questão das rodovias; e) preocupação com a devastação e com a reconstrução da biodiversidade; f) precauções necessárias à agricultura; g) áreas de exceção voltadas para projetos de florestamento; h) proteção das águas; i) projetos de reservas extrativistas; e j) atenção às particularidades a serem observadas na reforma agrária no âmbito regional.

É com base nessas preocupações que propõe o zoneamento econômico e ecológico para a região apoiado em alguns pressupostos, a saber: a) reflexão orientada para o desenvolvimento regional integrado, incluindo o conhecimento da natureza dos seus contrastes internos; b) metodologia codesenvolvimentista para a utilização dos espaços físicos/ecológicos em sintonia com o uso conveniente do solo e do subsolo; c) cruzamento de fatos fisiográficos/ecológicos com os da conjuntura econômica, demográfica e social; d) o papel das cidades e da rede urbana preexistentes em relação aos processos de desenvolvimento incentivado; e) consideração do acervo documental sobre a extensão, a distribuição e tipologia das áreas de preservação e

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

conservação existentes; f) informações sobre a infraestrutura instalada ou em processo de instalação; e g) conhecimento do mosaico de planos, programas e projetos propostos para a região, em diferentes tempos por diferentes órgãos (AB'SÁBER, 1996).

E acrescenta:

não há como aceitar a idéia simplista de que a determinados espaços ecológicos devem corresponder espaços econômicos, numa sobreposição plena e totalmente ajustável. É totalmente utópico pensar-se que o potencial dos recursos naturais de uma área possa ser avaliado em termos de uma sociedade homogênea na sua estrutura de classes e de padrões de consumo... (AB'SÁBER, 1996, p. 12).

O mosaico concebido para esse fim, e que ajudou a orientar políticas de ordenamento territorial (BRASIL, 2006), mesmo não tendo sido capaz de redirecionar a geografia do desenvolvimento regional amazônico, alterou, ainda que parcialmente, a geometria do espaço regional, pautada, até então, em polos e em eixos de crescimento; estes que passaram a ser relativizados com as políticas voltadas para a maior proteção das terras indígenas, das reservas extrativistas, das unidades de conservação etc. (TRINDADE JR.; MADEIRA, 2016).

Em parte, essa tentativa de redirecionamento das políticas territoriais revela experiências de economias ecologicamente sustentáveis, a exemplo do projeto RECA (Reflorestamento Econômico Consorciado e Adensado):

o projeto RECA desenvolvido na fronteira do Acre com Rondônia é de longe o exemplo de modelo de processo econômico ecologicamente sustentável. Com a vantagem de ter sido implantado por gente da terra com pouquíssimos recursos oficiais. Tudo partiu de reuniões comunitárias, diálogo entre atores sociais da região de Senador Guiomar, que já era uma sub-área do Acre, dotada de pequenas e médias propriedades rurais produtivas, por meio de plantações de café, frutíferas, cana e milho. Visitantes instruídos deslancharam o processo, entre professores, religiosos e camponeses. Um pouco do que aconteceu com o grupo de pioneiros das reservas extrativistas, empates de Chico Mendes, aconteceu através de estratégias diferentes com os professores e camponeses de Senador Guimard e Nova Califórnia (AB'SÁBER, 2000, p. 120).

As contribuições do autor voltaram-se, assim, para o reconhecimento do espaço como um híbrido natural e social, para a constatação da diversidade regional, para a relevância de seu potencial ecológico e econômico e para a proposição de uma nova lógica de desenvolvimento regional sustentável; elementos esses que permitem discernir na sua obra uma verdadeira geografia regional da Amazônia de natureza propositiva, por ele concebida e defendida ao longo de sua trajetória acadêmica.

Dar conta da leitura conferida à Amazônia tendo em vista as ideias como as do autor em referência, torna-se, desse modo, um esforço de investigação de grande monta, por revelar uma preocupação com a região que vem somar a outras interpretações igualmente feitas a seu respeito e que desvendam suas particularidades, suas questões e as preocupações para com as políticas territoriais a ela dirigidas. A sua perspectiva de olhar a região é mais uma dessas interpretações que têm muito a nos ensinar do ponto de vista epistemológico, como faz ao articular espaço e tempo como pares indissociáveis em sua análise geográfica; teórico, ao constatar, por exemplo, na Amazônia, a sua teoria dos redutos; metodológico, ao propor o reconhecimento das células

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

espaciais no mosaico que compõe o zoneamento ecológico-econômico regional; e empírico, ao elaborar diagnósticos, levantamentos, dados e problematizações em diferentes realidades locais e sub-regionais da Amazônia legal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As preocupações presentes na obra de Aziz Nacib Ab'Sáber ajudam em muito a pensar a Amazônia. Mesmo passada mais de uma década de sua morte, sua obra parece caminhar e se manter atual, independentemente da datação e do contexto em que foi produzida. Sinteticamente, mas não de forma fechada e definitiva, poderíamos traduzir sua contribuição, do ponto de vista da geografia regional amazônica, em um tripé que inclui preocupações com a natureza e a sociedade: os redutos, os enclaves e as zonas.

De sua clássica teoria dos redutos, concebida a partir dos pressupostos da geografia física, adentra na problematização das questões regionais e dos impactos ambientais e sociais decorrentes dos grandes investimentos e projetos econômicos e de infraestrutura estabelecidos na região, conhecidos como enclaves regionais, como no caso do Projeto Carajás. Em seguida, desemboca em discussão de natureza mais pragmática quanto ao desenvolvimento regional, ao reconhecer zonas pautadas na diversidade socioespacial e nas suas particularidades ecológicas e econômicas.

Alguns de seus escritos se tornaram verdadeiras referências para o estudo da geografia regional amazônica, a exemplo da mencionada obra *Amazônia: do discurso à práxis* (AB'SÁBER, 1996), obrigatoriamente incluída no rol de leituras para todos aqueles que se preocupam com o Brasil e com o espaço amazônico.

Por outro lado, por se tratar de um estudioso que analisou profundamente o espaço amazônico, cabe destacar a relevância de seu pensamento e de suas ideias para além do meio acadêmico, considerando que suas contribuições dão subsídios para os ativismos sociais que têm como pauta resistências e defesas de territórios de grupos específicos, conservação dos recursos naturais e de preocupação com o desenvolvimento socioespacial, mas que nem sempre é de fácil acesso a todos aqueles que pretendem utilizar tais contribuições em pautas e ações em defesa da Amazônia.

Cumprir ainda mencionar, dentre outras, a importância de suas ações na emissão de pareceres independentes quanto a estudos e relatórios de impactos ambientais comprometedores da natureza e da sociedade, bem como o seu posicionamento crítico quanto: a) a decisões e discussões em importantes fóruns nacionais e internacionais, tais quais as conferências mundiais sobre clima e meio ambiente; b) aos rumos tomados pelas decisões em relação ao Código Florestal brasileiro; c) aos perigos da emissão de CO₂; e d) à necessidade de consciência e de defesa do reconhecimento de grandes reservas de biodiversidade (MODENESI-GAUTTIERI *et al.*, 2010).

Todos esses elementos constituem um conjunto de fundamentos que justificam a relevância do autor aqui abordado. Os levantamentos, estudos e sistematizações realizados por ele representam um grande esforço para o avanço do conhecimento científico sobre a Amazônia, e que deram visibilidade a esse importante

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Saber para uma geografia regional da Amazônia

intelectual que a colocou em destaque nas suas produções, assim como viabilizaram outras reflexões e ações que têm contribuído para o conhecimento não dualista sobre essa região e para o pensar e o fazer críticos e propositivos a respeito desse espaço, tido como estratégico e de extrema importância para o Brasil, para o mundo e, acima de tudo, para quem nele vive e o preserva.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N. A cidade de Manaus: primeiros estudos (1953). *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 15, p. 18-45, 1953.
- AB'SÁBER, A. N. O Pantanal Mato-Grossense e a teoria dos refúgios. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, ano 50, n. especial, t. 2, p. 9-57, 1988a.
- AB'SÁBER, A. N. Espaço territorial e proteção ambiental. *Terra Livre*, São Paulo, n. 3, p. 9-31, mar. 1988b.
- AB'SÁBER, A. N. Zoneamento ecológico e econômico da Amazônia: questões de escala e método. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 4-20, 1989.
- AB'SÁBER, A. N. A região amazônica. In: D'INCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. (org.). *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994. p. 77-84.
- AB'SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 1996.
- AB'SÁBER, A. N. Modelos de economias ecologicamente auto-sustentáveis na Amazônia. In: OLIVEIRA, J. A.; GUIDOTTI, H. (org.). *A igreja arma sua tenda na Amazônia*. Manaus: Edua, 2000. p. 117-137.
- AB'SÁBER, A. N. *Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- AB'SÁBER, A. N. Aziz Ab'Saber: entrevista. [Entrevista cedida a] Drauzio Varella. *Drauzio Varella*, São Paulo, 17 mar. 2012. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/aziz-ab-saber-entrevista/>. Acesso em: 28 jun. 2022.
- AB'SÁBER, A. N. *O que é ser geógrafo: memórias profissionais de Aziz Ab'Saber em depoimento a Cynara Menezes*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Projeto de Macrozoneamento da Amazônia Legal: mapas temáticos selecionados (texto explicativo)*. Brasília, DF: MMA, 2006.
- CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CORRÊA, R. L. Região: a tradição geográfica. In: CORRÊA, R. L. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 183-196.
- CORRÊA, R. L. Quem são os clássicos da Geografia brasileira? E por que lê-los? Entrevista com o Prof. Dr. Roberto Lobato Azevedo Corrêa. *Espaço Aberto*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 155-160, 2011.
- DOURADO, F. Aziz Ab'Saber, geógrafo e ambientalista. *Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo*, São Paulo, 28 out. 2015. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/noticias/azizabsaber.html>. Acesso em: 24 jun. 2022.

Além do físico e do humano: Contribuições de Aziz Ab'Sáber para uma geografia regional da Amazônia

FURTADO, A. M. M. Aziz Ab'Sáber e a Amazônia. In: MODENESI-GAUTTIERI, M. C. *et al.* (org.). *A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber*. São Paulo: Beca-Ball, 2010. p. 102-110.

LENCIONI, S. *Região e geografia*. São Paulo: Edusp, 1999.

MAGALHÃES, L. E. Apresentação. In: AB' SÁBER, A. N. *Amazônia: do discurso à práxis*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 9-10.

MAGALHÃES, L. E. (coord.). *Humanistas e cientistas do Brasil: ciências humanas*. São Paulo: Edusp, 2015.

MARCOVITCH, J. Aziz Ab'Sáber, o cientista cidadão. In: MAGALHÃES, L. E. (coord.). *Humanistas e cientistas do Brasil: ciências humanas*. São Paulo: Edusp, 2015. p. 85-99.

MODENESI-GAUTTIERI, M. C. *et al.* Professor Aziz Nacib Ab'Sáber: súmula biográfica. In: MODENESI-GAUTTIERI, M. C. *et al.* *A obra de Aziz Nacib Ab'Sáber*. São Paulo: Beca-Ball, 2010. p. 14-23.

MONTEIRO, C. A. F. *Introdução à história da Amazônia brasileira*. Manaus: EDUA, 2012.

MOREIRA, R. *O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes brasileiras*. São Paulo: Contexto, 2010. v. 3.

SANTOS, M. *Pensando o espaço do homem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SILVA, L. I. L.; AB'SÁBER, A. N. *Uma proposta para a Amazônia: proteção ecológica e desenvolvimento com o máximo da floresta-em-pé*. 2. ed. São Paulo: IEA-USP, 2001.

TRINDADE JR., S-C. C. Uma região em questão: a Amazônia nas lentes da Escola Uspiana de Geografia. In: COSTA, J. M. (org.). *Amazônia: olhares sobre o território e a região*. Macapá: Editora da UNIFAP, 2017. p. 199-255.

TRINDADE JR., S-C. C. Dos geografismos às geografizações: pensando a região e o regional a partir das "geografias do Sul". *Confins: revue franco-brésilienne de géographie*, Paris, n. 44, mar. 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/26814>. Acesso em: 24 jun. 2022.

TRINDADE JR., S-C. C.; MADEIRA, W. V. Polos, eixos e zonas: cidades e ordenamento territorial na Amazônia. *PRACS: revista eletrônica de humanidades do curso de ciências sociais da UNIFAP*, Macapá, v. 9, n. 1, p. 37-54, jul. 2016.

Texto recebido em: 19/06/2024
Texto aprovado em: 16/10/2024